

PANNOOKU

CÓRTE

Um anno . . . 12\$000.
Seis meses . . . 6\$000
Três meses . . . 3\$500

PROVÍNCIAS

Um anno . . . 15\$000
Seis meses . . . 7\$500
Avulso . . . 500



ANNO I.

Assina-se e vende-se tresta typographia

N. 47



O cholera, vindo em sua viagem de excursão ao Rio de Janeiro, foge espavorido diante do imununo estado das nossas praias.
Colégio de uns quadros que será oferecido à junta de Hygiene Publica, em signal de agradecimento do povo fluminense.

PANDOKEU

NOVIDADES DA SEMANA.

Rio, de 3 Março de 1867.

nossa pobre cidade quasi sempre entregue ao enfado e à monotonia da insipidez, vde estremecer amanhã ao grito de alarma desta pleyade de *foliões*, que ligando o luxo ao e-pírito ostentará suas galas nestas ruas que se preparam brilhantemente, com flores, epigrammas, e carrancas que por medonhas e disformes: ausariam inveja ás mais horrendas creações de Hoffmann.

Estamos por tanto caros leitores nem mais nem menos chegados á porta do rissoho e festivo Carnaval, que ainda este anno vâe quebrar o encanto dos nossos salões fechadou á tanto tempo.

Estâ-se conversando com o domingo — *gordo* por os praseres e festas que s'inventam, e as muitas loucuras e extravagâncias que accarretam consigo.

Parece-me já estar vendo tudo em movimento, figuraço-me as istir aos preparativos da grande batalha, em que elles empunhando a mascara, e trajando burlescos *chicards* que a *Niob'y* sabe enfeitar, percorrer a cidade inteira de um a outro laio, gritando, pulando, espirrando as taes *bisnagas* nos olhos da humanidade, debicando e até descobrindo (o que eu reprovo e acho mal feito) muito segridinho das moças que pensavam ninguem saber.

Eu queria adivinhar durante o curto espaço de um minuto para desse já desfilar a meada das muitas intrigas engendradas e urdi-las nas trevas do sygillo.

Mas que fazer?

Tenho de contentar-me com o meu bom desejo; não posso semelhante dom, nem sei se por ahí algures existe alguém tão bem fadado que delle pôde dispor.

Todavia porém — *Pollux*, que é moço elegante, que não perde um só divertimento; sem duvida nenhuma se achará nos salões do Theatro Lyriço e S. Pedro que se preparam com luxo e riqueza, e então elle sem o dom de adivinhar, porém com a graça e gosto que lhe é proprio; não guardará silêncio sobre tudo quanto vir e ouvir, esmiuçando os segredos os mais reservados, de que dará contas aos nossos leitores, na semana seguente sem todavia, cavalleiro como é, elle comprometter os seus heróes e heroínas.

...

Durante esta semana os Theatros não estiveram submersos na sua costumada pasmaceira, ergueram a cabeça e disseram alguma cousa de bom.

Como estava anunciado, no dia 21 do corrente efectuou-se no theatro Gymnasio a representação do drama fantastico-lyrico em 1 prologo e 4 actos: — *Remorso Viro*, por Furtado Coelho e Joaquim Serra, musica de Arthur Napoleão.

Esta trindade distinta, já bem conhecida no firmamento da intelligencia e do trabalho, é um garante indubitable de que o drama tem mérito e peso litterario.

Assisti á sua representação, não é um trabalho de primeira plana, nem uma composição recheada de belezas litterarias, não; resente-se de alguns senões, que todavia perdem-se ante as muitas seias escriptas com verdadeiro sentimento; entretanto tenho vontade e faço grande empenho em que todos assistam á sua representação.

O scenario é magnifico e offerece alguma originalidade.

O desempenho correu perfeitamente como era de esperar de uma companhia modelo como é esta dirigida e ensaiada por Furtado Coelho que como autor, actor, e ensaiador, mostrou, ainda nesta noite e sempre, a força de seu talento, e o quanto pôde a força de vontade para superar todas as dificuldades.

..

Joanna de Flandres a Amaldiçoada — foi o drama esculhido para no theatro de S. Pedro fazer a sua reentrada os actores Galvão e Bernardina, o que com effeito efectuou-se no sabbado 16 de Fevereiro do corrente.

O drama apesar de não estar na altura da companhia deste theatro, todavia o seu desempenho correu bem.

A actriz Bernardina no difícil papel de *Joanna* esteve sofrível.

O actor Galvão, chamado a scena e applaudido devia ficar contente e orgulhar-se por a manifestação que recebeu vendo assim coroados seus esforços no desempenho de papel de *Raul de Maubon*.

..

Por hoje está completa a minha missão, desejando aos leitores bons *trotos* e muitas *bisnagas* carnavalescas, já se sabe.

Castor.

— 4000 —

• Carnaval

Não é só o Janus Remano que tem duas caras e qualquer delas a mais deslavada; duas caras tem o *pinga*

que come os jantares alheios, duas caras tem o sachris-tão que chupita o vinho das galhetas e leva para caza-bicos de veila; duas caras tem a miseria que foge da opulencia e roe-nos á bom roer o estomago, duas caras tem o inhame porque é cará e as veses barbudo.

Nesse mundo duas caras não são phemoneno. Ha caras e caretas, ha *caras de paschoa*, de bacinete, ha *cara à cara* e ha *caracará*, ave de rapina do Brasil e Paraguay, que tanto destroço faz nas gallinhas como qualquer filho do imperio celeste.

O Carnaval deste anno tem duas caras. A primeira de folião, bohemio, moleque e cara que reproduz-se, tem projecção de velho babão, de criança que surta co-cada, de menina que enrubescce e de *grisette* que dá de pernas em se lhe mostrando champagne, marca *Cliquot*. A segunda é do homem serio, conhecedor dos direitos e regalias dos povos, sujeito de *Digesto* e de digestão, bi-chio capaz de falar tres horas em revoluções sociaes, liberdade... etc etc.

O Carnaval mostra a primeira cara nas ruas, nas praças e nos theatros. Protheu folgazão, do ceo faz echorias aos tolos, isto é, enganando os grosseiramente e logo em fresco na *primeira gaita* (ao primeiro canto do gallo) *está de gaita* (alegre) e d'ahi não ha parente pobre, nem olhos humidos. Por isso a primeira cara tem-na os mas-cáras, os bohemios do seculo, os pandegos.

A segunda cara do Carnaval é um composto de Tri-boulet com o sorriso de Taylleirand, olhos de Mazarino e nariz de D. Bibas, testa de fuiinha e queixos de berril de paios. Dessa colxa de retalhos cólhe-se a bohice e a hypocrisia, a avareza e a comilancia, a finura e o bom perfume.

A segund cara do Carnaval ve-se nas camaras mu-nicipaes: é a eleição secundaria. Alli tudo está de casaca, mas que casaca? Ha casacas de todas as cores e sojas ou limpas, isto é sujas de no loas oleosas, gordurentas, e outras limpas de pó, de lama, de amarrotamentos. E que casacas? Ha casacas independentes com feições de homem stoico, honesto, ha casacas que voltam-se ao dar do vento — são como as ventoinhas mudam de direcção.

A segunda cara do Carnaval é de interesse immenso; de uns papelinhas com privilegio de ballas de estallos tira-se uns versos e unhas amendoas. As amendoas são os deputa-los e os versos os programmas, cada qual maior e por isso mesmo facil de esquecer-se e dificil de reter-se em memoria... queremos dizer: facil de reter-se na memoria!

Apreciemos pois o Carnaval nas suas duas caras; o que sentimos deveras é que a segunda produza filhos que comem *pão de ló* enquanto que a primeira gera filhos

que morrem ao crepúsculo matutino da quarta-feira que traz cinzas nos olhos.

Apreciemos pois a cara carnavalesca e a cara politica.

Chicard.

—*—*—*—*—

Virgulas...

No Alcazar nem ha tantas novidades que fartein, nem tão poucas que ninguem : vai aquillo assim á guiza de mundo olympico, onde sempre ha rozas e nectar, musica e ambrosia.

Foi-se Mr. Audemard, o distineto artista de tanta creaçao prodigiosa! Foi-se e de saudades nós gemitos o coração e de tristesas nos contrista a alma.

Talento e arte, vocalisaçao e espirito scenico, Audemard havia-os em summa farta e opulenta e delles arrancava maravilhas, produzia encantamentos.

Substituto de Audemard, Mr. Lucien chamou a si o papel de *Popolani* na opera *Barbe-Bleue*. Lucien é de uma graça fina e penetrante e de um chiste tão explendente, que em abrindo a boca, saltam-lhe lumes vividos e scintillantes, por isso o *Popolani* de hoje é o *Popolani* de hontem visto, advinhado e sentido nas mesmas expressões scenicas e no mesmo tom artistico.

E bom, é bello o ver-se como é rico o talento: trava d'un papel, estuda desde logo e reproduz-o ornamentoado, adornado das louçanias que são todas suas pela razão evidente de que o actor é o fogo que anima a estatua que o escriptor fabricou e apparelhou no conciso do estylo e na propriedade da phrase.

Tem-se representado tambem no Alcazar a opera buffa de Gaveaux : *Le bouff et le tailleur*.

Muita graça e boa musica, enredo facil e espirituoso, entrechos excellentes de musica alta e elegante — eis o que é a opera de Gaveaux que assás tem agradado.

Nada mais appareceu de novo no Alcazar, onde *habitués* e *virtuosi* deleitam-se de orelha soezgada tres ou quatro horas e voltam para caza a sonhar o ceo de Mahomet ou paraizo das Walkirias.

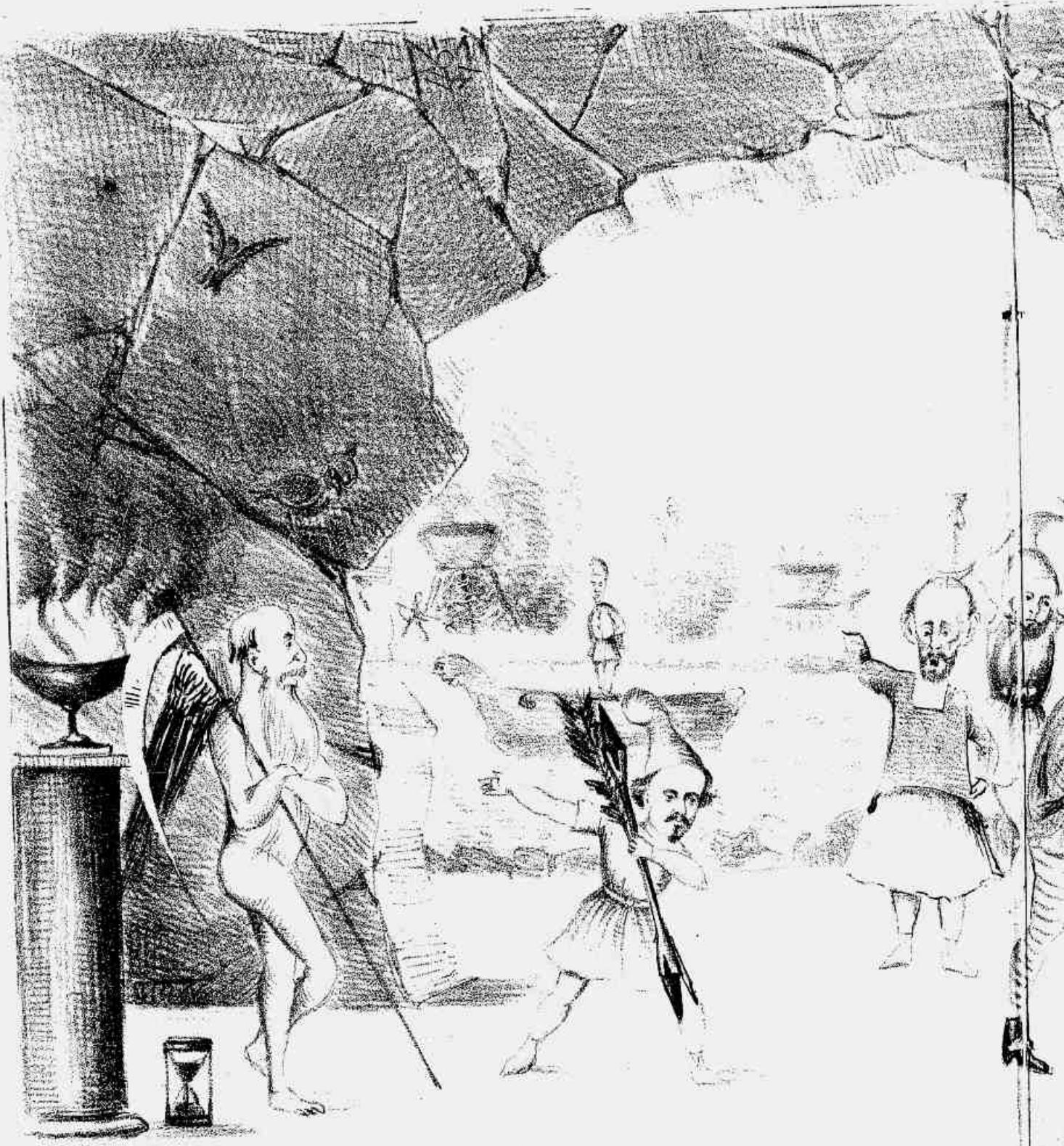
Elmano.

—*—*—*—*—

Espirito.

Roubo. — Util a todos.

Aos Srs. Advogados. — Rheumatismo.



Orpheu político ou

Grande festa carnavalesca travestie, onde liberaes, progressistas, e conservadores

ESTÔNE!

ESTÔNE! seu empreendimento pugnado para informar a seu leitores de



lítico ou a mexinifada eleitoral.

Os conservadores ligados de commum acordo, cantam em côro o grande estribilho de momento:

É gente! o voto é livre!

Os leitores dos bons horacos que hão de dar-se, na futura legislatura que promette ser bem divertida.

Grande redução nos preços. — Especialmente cobranças.
 Para vapores. — Cerejas em caldas.
 Massa de tomates. — A 160 rs, ao covado.
 Aos carroceiros. — Conselheiro dos amantes.
 Para tingir os cabellos e barba. — Instrumentos de dentista.
 Música nova. — Para as confeitorias.
 Cantos matutinos. — Paletots para o inverno.
 Loja para alugar. — Lições particulares.
 Novo purgatório. — Sementes de hortaliça.
 A marmota. — Fogo artificial.
 Mucama saiu à luz. — Aos Srs. Fazendeiros.
 A viuvinha. — Pechincha certa.
 Terrenos para vender. — Relógios e joias as famílias brasileiras.
 Criança para criar. — Caixa de massa vazia.
 Escravo para alugar. — Lições de solfejo, piano e canto.
 Aviso à praça. — Objectos da china, à 15\$000 o méio.
 Besta fugida. — Mudança de estabelecimento.
 Charutos. — Fogões económicos.
 Mãos alvas. — tintas hydrofugas.
 Aos proprietários. — Burras de ferro.
 Diccionario. — Sortimento de miudesas.
 Doce seco. — A's quatro nações.
 Molestias. — Sementes novas para festas.
 Modas e costumes. — Agunas gasosas.
 A bella venesiana. — Paios e linguagens.
 Carvão de pedra para cozinhar. — Sanguesugas.
 Alugão-se. — Novidades do paquete.
 Criadas allemaes. — Bichas de Hamburgo, a dinheiro à vista.
 Phosphoros. — Transparentes para janella.
 Artigos de viagem. — Letras estraviadas.
 Roubo. — Para presentes em 24 horas.
 Alugão-se. — Pretos fugidos.
 Archivo theatral. — Armasem de papeis.
 Roupa feita. — Ao público.
 Vacca tourina. — Criada para alugar.
 Aviso à praça. — Piano e canto.
 Professora de inglez. — Carvão animal.
 Alugão-se. — Passas por todo o preço.
 Lingoas do Rio Grande. — Meditem e lucrarão.
 Aviso à praça. — Casa especial de modas.
 Saias balões. — Brinquedos de borracha.
 Bónecas. — papai — mamãi — Ao público.
 Castanhas verdes — Obras diversas.
 Criada francesa. — Pescada tão boa sim; melhor não.
 Goiabada. — Aos mestres de obras.
 O dentista universal. — Cavallo do cabo.

Escravos fugidos. — Para bailes mascarados.
 Compra-se, — Rateio para acabar.
 Precisa-se de uma criada branca. — Para ver ao público.
 Máquinas de costura. — Dinheiro sobre hypothecas.
 Amas de leite. — Bocetas para frutas.
 Cem mil reis de gratificação. — Aproveitem que é muito barato.
 Aos pedestres. — Vapor de reboques.
 Roupa feita. — Toillette económico.
 Criada. — Garopa. — Vêr para crér.
 «D'um dia que me achei mais pachorrento» live a paciencia de tomar estas notas n'um jornal.

Fonseca.

—
Nomes que não parecem-se com as coisas.

— *Margarida*, ave aquática da lagoa dos Obidos e perola preciosa.
 — *Orgão*, syphão pneumático por meio do qual se transvaza o vinho de uma vasilha para outra.
 — *Bom pasto*, boa meza, comida delicada.
 — *Pastel*, mistura de tipos.
 — *Percas*, páos grandes que travessão o carro da pôpa e vão acabar no pé mancebo.
 — *Anjo do mar*, especie de cão marinho, peixe de grandes barbatanas.
 — *Carrega-bestas*, uvas de boa qualidade e de cachos grossos.
 — *Condeça*, cestinha de vime redonda ou oval e de tampa dobradiça.
 — *Corneta*, cavalleiro ou músico que toca corneta.

—
 —

7

Fabula.

A CASTIGADA.

Cercada de mil desvellos
Gentil pombinha se via,
Mas apesar de feliz
Em dura magoa vivia.

Morava em linda gaiola.
Tinha immensa felicidade.
Tinha quanto desejava
A' excepção da liberdade.

Mas deste bem descontente
Junto á grade noite e dia,
Chorando seu captiveiro
Tristes lamentos fasia.

Se vinha o espozo contente
Beijal-a, tinha bicadas;
Dando voltas e arrulando
Ferviam d'aza as pancadas.

Mas uma vez descuidou-se
O dono que a porta abriu,
Ella, de gosto tornada
Batteu as azas, fugiu!

N'um verde e appartado outeiro
As lindas azas feichando,
De outros pombos, contente
Associou-se no bando.

Fugiram males antigos
Ahi tristezas morrerana;
Inda que os novos amigos
A pancada a receberam.

Pobre pombinha infeliz!
Passado um pequeno espaço,
Cheia de horror, anciada
Presa se viu em um laço.

Por mais que os vôos erguesse
P'ra no laço s'escapar
Um tiro trôa horroroso
Que a faz na terra tombar.

Vendo a morte aproximar-se,
Lembra o passado querido;
Que nunca o bem se conhece
Se não depois de perdido.

—Já gozei doces venturas,
Clama : sentindo a morte;
Mas ninguem vive contente
Com sua boa ou má sorte.

No meu estado feliz
O alheio estado invejei:
Por gosto vi o infuntuio
O bem por o mal troiei.

O' liberdade mimosa
Cheia de encanto e de graça,
Quasi sempre a tua luz
Nos leva para a desgraça.

**

Quem no seu ditoso estado
Deixa de ter permanencia,
Não crimine a providencia
Se tiver fim desgraçado.

Rio 21 de Fevereiro de 1867.

Omissirev Junius.



Os grandes da cevada indo tomar conta do Brasil.